

ÚLTIMOS PASSOS

A longa jornada de nossa leitura pela narrativa se deu através de três versões de “Chapeuzinho Vermelho”. Chegamos à conclusão de que seria necessário fazer um retorno à versão primeira do conto, aquela contada entre os camponeses e que serviu de material para Charles Perrault desenvolver uma história isenta dos traços violentos e grotescos da versão medieval e para os Irmãos Grimm difundirem sua própria versão, preocupada com o leitor e atenuada – aqui a devoração da menina é substituída pela presença de um herói na pele de caçador.

No decorrer de toda a nossa estrada, procuramos estudar novas possibilidades de trânsito pela floresta do conto “Chapeuzinho Vermelho”. O material teórico por nós utilizado foi de grande valia. No estudo de Robert Darnton, recorremos à gama de informações que passava pela versão dos camponeses da França do século XVIII. Pisamos no território simbólico de “Chapeuzinho Vermelho”, repleto de significados ocultos, mas importantes a uma análise que precisava ir além. No entanto, o trabalho psicanalítico desenvolvido, a partir da simbologia do conto infantil, de Erich Fromm e de Bruno Bettelheim, era oposto à visão de Robert Darnton, que acreditava não ser possível tal leitura. Então, foram propostas algumas questões anteriores à confecção da nossa escrita: como fugir do reducionismo do conto a uma tradução psicanalítica? Poderíamos descartar a análise simbólica? Como unir autores que discordam teoricamente?

Percebemos que era necessário citar os trabalhos centrados no entendimento dos símbolos, mesmo não sendo esse o nosso foco principal, já que a simbologia permitia compreender alguns significados invisíveis na leitura superficial do texto. Baseando-nos na diversidade da natureza silvestre, que mantém diferentes espécies em equilíbrio, embrenhamo-nos pela floresta da leitura, admitindo a convivência teórica de autores que divergem em suas concepções analíticas. Essa foi a proposta inicial imposta para que não caíssemos em nenhum dos problemas citados acima, pois, provavelmente, seriam recorrentes em nossa dissertação.

Mesmo fazendo uso de escopo teórico considerável, sentimos falta de estudos sobre “Chapeuzinho Vermelho” consagrados pela crítica literária. Por isso tivemos que construir novos parâmetros críticos, à medida que realizávamos a pesquisa. Entramos assim na

densa floresta, divida em espaços literários, partindo do lúdico, próprio do sujeito infantil, para que progredíssemos em nossa análise.

O capítulo sobre o jogo assegurou à pesquisa um diálogo interessante entre as versões de “Chapeuzinho Vermelho”, que de acordo com a teoria lúdica, pôde se encaixar nas discussões acerca do jogo. Na estrutura das partidas, montamos um duelo entre narradores, permitindo que nos inteirássemos sobre as várias manutenções e inovações sofridas pelo conto, através do jogo parafrástico. Observamos ainda, no interior dessa partida, uma que se revelava a partir da história narrada, entre as personagens – com jogadores, regras e prêmios – podendo ser contemplada, inclusive, nas imagens de Gustave Doré e na versão brasileira ilustrada do conto, de Rui de Oliveira.

Sobretudo procurando traçar novas direções a serem exploradas, tentamos adequar o esquema do jogo a “Chapeuzinho Vermelho”. Foi necessário armar uma partida, inicialmente, entre as versões da história, para ambientarmos a narrativa nesse viés temático, tão rico quanto a própria floresta do conto. Preparado o terreno, construímos o jogo, de forma que ele nos levasse, pelo embate entre Lobo e Chapeuzinho Vermelho, ao movimento traçado pela vontade de alcançar o prêmio, aos passos que conduziram a menina à boca do Lobo.

A versão ilustrada de Rui de Oliveira para “Chapeuzinho Vermelho” ampliou para nós os horizontes do texto. As ilustrações trouxeram à pesquisa uma contribuição não só à análise do jogo em si; deram asas a uma leitura que ultrapassava a abstração da imaginação e era representada, concretamente, nas páginas de Rui de Oliveira ou nos desenhos de Gustave Doré. Observar a maneira como um conto pode ser interpretado imageticamente, pelos olhos de outro artista, propicia uma especulação além à do artista – a do pesquisador que extrai do silêncio pictórico a ligação entre texto e imagem, detectando nuances inesgotáveis nas ilustrações do conto.

A temática do jogo, por sua amplitude, não nos permite abordá-la em sua totalidade. Todavia, dentro do que nos propusermos a estudar nesse capítulo, abriu sendas importantes para começarmos a delinear as proporções que o desejo assume em “Chapeuzinho Vermelho”. Percebemos que o jogo serve tanto a contos como “Chapeuzinho Vermelho” quanto à análise de outras narrativas. A percepção desse ponto fez-nos pensar a que novas

trilhas o jogo pode nos conduzir: a partidas não notadas no conto, a duelos entre outras versões, ou a embates intermináveis em tantas obras da literatura brasileira e estrangeira.

No espaço referente aos monstros, verificamos, após descobrirmos as faces de jogadores de Chapeuzinho Vermelho e do Lobo, como as mesmas personagens possibilitam uma percepção monstruosa de suas atitudes e condutas. Com Jeffrey Jerome Cohen, tivemos uma explanação sobre as características do ser monstro, utilizadas como base teórica do capítulo. Procuramos aproximar aquilo que é próprio da figura monstruosa às situações, nas quais Chapeuzinho Vermelho e Lobo adquirem posturas semelhantes, vistas não só no texto, mas também no estudo imagético de Rui de Oliveira.

A trilha de significados ocultos, encerrados em símbolos, foi por nós igualmente perseguida. Desvendar a simbologia presente em “Chapeuzinho Vermelho” foi essencial para entrarmos no conto *Fita Verde no cabelo: nova velha estória*, de Guimarães Rosa. Sem deixar de lado a história da menina de capuz vermelho, estudou-se a versão brasileira para o conto, depreendendo assim seus símbolos, a metamorfose do enredo e a incorporação da versão tradicional, no trabalho de reinvenção a que se dedicaram o conto recriado e as ilustrações criadas por Roger Mello a ele vinculadas.

Explicar o motivo pelo qual o Lobo podia ser considerado um monstro não foi difícil, pois a descrição animalizada do homem como animal feroz favorecia a escrita. Entretanto, apontar a monstrosidade de Chapeuzinho Vermelho demandou cuidado e esforço, por termos de retirar a menina da leitura óbvia e consagrada do conto, para descortinar aos poucos seu caráter monstruoso. O cotejo entre “Chapeuzinho Vermelho” e *Fita Verde no cabelo: nova velha estória* contribuiu para estendermos a cultura dos monstros além das nossas personagens estudadas, chegando, dessa forma, à descoberta de outros monstros, símbolos e imagens capazes de fornecer material literário para a análise.

Ao contrário da leitura pictórica de Rui de Oliveira, Roger Mello apresentava representações de uma estória desconhecida por nós. Observar a interpretação do artista através dos desenhos anexados à obra, que davam formas de Lobo e de monstro à avó de Fita Verde, reforçou a possibilidade de uma compreensão de que a literatura infantil é, muitas vezes, infantilizada, e que a construção textual dessas peças literárias, com seus desvãos, cavilidades, sentidos nada óbvios e monstrosidade, segue o modelo dos

monstros que comumente as protagoniza e se encontra denunciada também nas imagens de Roger Mello.

Aprofundando a temática monstruosa, o nosso estudo chegou a novas maneiras de ler “Chapeuzinho Vermelho” dentro da dualidade encarnada na figura do monstro, de dor e prazer, que incomoda e atrai.

No espaço trágico da floresta, última etapa do roteiro percorrido, decidimos pensar sobre as direções a que podem levar o desejo e o prazer em “Chapeuzinho Vermelho”. Foi inevitável não chegarmos à conclusão de que o diálogo sedutor do conto apresenta, em sua composição, uma dimensão trágica. Era necessário entender, então, como a mecânica do trágico recorta “Chapeuzinho Vermelho” e completa o sentido das outras trilhas, para sabermos até onde poderíamos ir.

Com a visão monstruosa que descobrimos em “Chapeuzinho Vermelho”, começamos a vislumbrar a possibilidade de ler a trajetória da menina de forma semelhante à das personagens da tragédia grega. Descobrimos em outro conto que não *Fita Verde no cabelo: nova velha estória*, mas em *Primeiras estórias*, uma correspondência subjacente, interna, com o conto tradicional. Integrando o elenco de *Primeiras estórias*, “A benfazeja” permitiu-nos distinguir os traços trágicos que estruturam o mitologema, o enredo, a fábula do conto infantil e, sem capuz, desmascarado em sua ardilosa trama narrativa, do conto de Guimarães Rosa.

Neste conto, verificamos pequenas pistas que remetiam à relação entre o Lobo e a menina. A comparação com “Chapeuzinho Vermelho” levou-nos a constatar a estruturação de ambos os fios narrativos pelo viés do trágico. Portanto, transcendendo os limites da tragédia, traçamos um caminho que passava pelo reconhecimento do imaginário infantil nas *Primeiras Estórias* e das semelhanças entre o enredo das duas narrativas, para, enfim, vertermos nosso olhar em direção às categorias trágicas presentes em ambos os contos.

Ver o lado trágico do diálogo que conduziu Chapeuzinho Vermelho à realização de sua vontade era indispensável, pois trabalhávamos com um conto de cunho admoestatório. A maneira como foi formulada a tensão do embate e o devorar violento da menina, decorrentes de suas atitudes, adquiriram proporções iminentemente trágicas, pelos jogos de sedução, através dos aspectos monstruosos incorporados nas personagens, pelo dever de responder por escolhas.

Pensar, juntamente, “Chapeuzinho Vermelho” e “A benfazeja”, a partir do discurso trágico, auxiliou-nos a compreender como o motor que movia as tragédias gregas permaneceu, das narrativas orais às modernas, adaptando-se a novas estruturas, mas conservando os marcadores fundamentais de sua mecânica.

Com o desvendar desses novos caminhos por nós propostos, que passam pelo desejo e por suas conseqüentes implicações, descobrimos outros espaços, dentro da imensa floresta do conto, capazes de produzir leituras inusitadas de “Chapeuzinho Vermelho”. Assim como as demais narrativas, ela não exclui interpretações. Ao contrário, está aberta para novas significações, podendo ser visitada e revisitada por quem deseje se alongar e dar mais alguns passos – mas terá de sê-lo, forçosamente, ao largo dos caminhos já conhecidos.

BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES. “Poética”. In: ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A Poética Clássica*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2003.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.
- _____. “Sade I”. In: *Sade, Fourier, Loiola*. Trad. Maria de Santa Cruz. Lisboa: Edições 70, 1979.
- _____. *Aula: aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980.
- BATAILLE, Georges. *História do olho*. Trad. Eliane Robert Moraes. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- _____. *O erotismo*. Trad. Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Editora Brasiliense: São Paulo, 1985.
- BETTELHEIM, Bruno. “Chapeuzinho Vermelho”. In: *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos*. São Paulo: DCL, 2003.
- COHEN, Jeffrey Jerome. “A cultura dos monstros: sete teses”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- DARNTON, Robert. “Histórias que os camponeses contam: o significado de mamãe ganso”. In: *O grande massacre dos gatos*. Trad. Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- DUFLO, Colas. “O século do jogo: o auto-retrato do jogador no século XVIII – a ‘História de minha vida’, de Casanova”. In: *O jogo: de Pascal a Schiller*. Trad. Francisco Settineri e Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

- EDEN, Tânia. “Percepção e Linguagem em Merleau-Ponty e Wittgenstein”. <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/tania.htm>.
- ELIADE, Mircea. “Os mitos e os contos de fadas”. In: *Mito e realidade*. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- ÉSQUILO. *A trilogia de Orestes*. Trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- FINAZZI-AGRO, Ettore e VECCHI, Roberto (orgs.). *Formas e mediações do trágico moderno: uma leitura do Brasil*. São Paulo: Unimarco, 2004.
- FLUSSER, Vilém. *Língua e realidade*. São Paulo: Herder, 1963.
- FLUSSER, Vilém. “Do poder da língua portuguesa”. In: *Da religiosidade*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- FROMM, Erich, *A linguagem esquecida*. Trad. Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- GALVÃO, Ramiz. [1909] *Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1994.
- ISER, Wolfgang. “O Jogo do Texto”. In: COSTA LIMA, Luiz (coordenação e tradução). *A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- ISER, Wolfgang. “O jogo do texto”. In: *O fictício e o imaginário: Perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.
- LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin: Tradução e Melancolia*. São Paulo: Edusp, 2002.
- LESSING, Gotthold Ephraim. “Dramaturgia de Hamburgo”. In: *De teatro e literatura*. Intro. e notas Anatol Rosenfeld. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária Ltda, 1992.
- LHÉRITIER, Andrée. “Perrault avant Perrault”. In: Charles Perrault. *Contes*. Paris: UGE, 1964.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Trad. António Filipe Marques. Lisboa: Edições 70, 1988.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- NUÑEZ, Carlinda Fragale Pate. “Poéticas clássicas – da Antigüidade ao Renascimento”. In: *Poéticas e manifestos que abalaram o mundo*. Rio de Janeiro: Revista Tempo Brasileiro, out.- dez., n.º. 127, 1996. Pp 13 – 65.
- _____. “O Código Pandora – Nem todos os jardins são o Éden”. In: CD-Rom de Anais do XI Seminário Nacional Mulher e Literatura / II Seminário Internacional Mulher e Literatura ANPOLL, *Entre o estético e o político: A questão da mulher na literatura*. Rio de Janeiro: UERJ/PPG-Letras *Stricto Sensu*/ SR-2, 2005. P.419-434.

- _____. “Verdades sobre a mentira meditações insuspeitas sobre *O Homem da areia de Hoffmann*”. In: PINTO, Sílvia Regina (org.). *Tramas e mentiras: jogos de verossimilhança*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2005.
- OLIVEIRA, Rui de. “Chapeuzinho Vermelho”. In: *Chapeuzinho Vermelho e outros contos por imagem*. Luciana Sandroni (textos). São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.
- PERRAULT, Charles. “Chapeuzinho Vermelho”. In: TATAR, Maria (edição, introdução e notas). *Contos de fadas: edição comentada e ilustrada*. Trad. Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- _____. *Fita Verde no cabelo: nova velha estória*. Ilustrações Roger Mello. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Editora Ática: 1999.
- SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2000.
- _____. *Antígona* (Trad. Donald Schöler). Porto Alegre: L&PM, 2004.
- STOKER, Bram. *Drácula: o vampiro da noite*. Trad. Maria Luísa Lago Bittencourt. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- SZONDI, Peter. “Goethe”. In: *Ensaio sobre o trágico*. Trad. Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- VERNANT, Jean Pierre e VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. Trad. Anna Lia A. de Almeida et. al.. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

FUJIMURA, Calina Miwa. *Pela estrada afora com Chapeuzinho Vermelho*. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. Rio de Janeiro: 1º semestre de 2006. 101 p.

Palavras-chave: Chapeuzinho Vermelho – Jogos estéticos – Análise imagética – Monstruosidade – Trágico

RESUMO

Partindo das versões dos camponeses e de suas adaptações por Charles Perrault e pelos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm para o conto “Chapeuzinho Vermelho”, este trabalho investiga novas possibilidades de leitura da fábula tradicional sobre a transgressão infantil. A pesquisa analisa os jogos textuais que consagraram a narrativa, bem como dois outros eixos de organização extra-textual: os desejos dos protagonistas e as ilustrações de edições escolhidas do conto. Comparando o trabalho do ilustrador Gustave Doré e duas versões brasileiras ilustradas – *Chapeuzinho Vermelho e outros contos por imagem* de Rui de Oliveira e *Fita Verde no cabelo: nova velha estória*, de Guimarães Rosa, ilustrado por Roger Melo – foi possível verificar que é a monstruosidade o tema que a história de desobediência coloca em questão. Foram analisados os jogos de sedução, os aspectos monstruosos das personagens e os traços trágicos presentes em “Chapeuzinho Vermelho”. Descobriu-se que o esboço trágico da história infantil está disseminado na obra de Rosa, o que se comprova através do conto “A benfazeja”.

O cotejo entre texto e imagem possibilitou ampliar o horizonte de leitura do conto, resgatar sentidos latentes e descobrir significados que consolidaram a dimensão ética e estética desse campeão da literatura infantil

FUJIMURA, Calina Miwa. *Pela estrada afora com Chapeuzinho Vermelho*. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. Rio de Janeiro: 1º semestre de 2006. 101 p.

Le petit Chaperon rouge – Jeux esthétiques – Analyse
image-thique – Monstruosité - Tragique

RÉSUMÉ

En partant des versions des paysans et de ses adaptations par Charles Perrault et par les frères Jacob et Wilhelm Grimm pour le conte *Le petit Chaperon rouge*, ce travail enquête les nouvelles possibilités de lecture de la fable traditionnelle sur la transgression enfantine. La recherche analyse les jeux textuels qui ont consacré la narrative, aussi bien que deux autres axes d'organisation extra-textuelle: les désirs de les protagonistes et les illustrations d'éditions choisies du conte. En comparant le travail de l'illustrateur Gustave Doré et deux versions brésiliennes illustrées – *Chapeuzinho Vermelho e outros contos por imagem*, de Rui de Oliveira et *Fita Verde no cabelo: nova velha estória*, de Guimarães Rosa, illustrée par Roger Mello – a été possible vérifier que c'est la monstruosité le thème que l'histoire de désobéissance place en question. Les jeux de séduction, les aspects monstrueux, les personnages et les traces tragiques présents chez la version plus ancienne ont été analysés. On a découvert que l'ébauche tragique de l'histoire enfantine est disséminée chez Rosa, ce qui est attesté à travers le conte "A benfazeja".

La jonction entre texte et image a possibilité amplifier l'horizon de lecture du conte, racheter sens latents et découvrir signifiés qui ont consolidé la dimension éthique et esthétique de ce champion de la littérature pour les enfants.